

Artigos definidos e demonstrativos num *corpus* do séc. XIII

MARIA DE LOURDES CRISPIM
(Universidade Nova de Lisboa)

A minha comunicação pretende apenas, em primeiro lugar, chamar a atenção para as achegas que uma análise comparativa, quantificada, de dados de épocas diferentes pode trazer aos estudos históricos e, em segundo lugar, trazer à discussão aspectos da problemática subjacente a este tipo de análise.

Como todos sabemos, os estudos diacrónicos estão condicionados pelos documentos observáveis, isto é, pelos documentos datados e localizados a que o investigador tem acesso, que podem ser submetidos a diferentes tipos de análise. Por outro lado, sendo a variação uma constante das línguas vivas, pressupõe-se que, em todas as épocas, um sistema comum assegura, dentro da variação, a comunicação entre os membros da comunidade linguística e, em última análise, constitui o que poderemos chamar "competência linguística" dos falantes. Para as épocas passadas, o acesso a essa competência está-nos vedado por natureza e a percepção da língua surge-nos fragmentada, condicionada pelos tipos de discurso que os testemunhos remanescentes trouxeram até nós.

Nestas condições, de que modo e através de que instrumentos poderemos explorar os vestígios das sincronias passadas para aceder a um conhecimento mais próximo dessas "competências" desaparecidas?

É minha convicção que, nos estudos diacrónicos, a possibilidade de dispor de curvas de frequência de emprego, quer de formas quer de estruturas, ao longo de períodos definidos, confere enorme importância à quantificação. Com efeito, a informação quantificada, sobretudo quando sistematicamente quantificada, proporciona uma percepção mais objectiva do que aquela que até agora era possível, em cronologia – aparecimento, extensão, regressão ou desaparecimento – de certos fenómenos. Por outras palavras, a quantificação sistematizada permite acompanhar os processos e os estádios de generalização/regressão de um vocábulo e/ou estrutura, num dado estado da língua ou em estados sucessivos.

O estabelecimento de curvas de frequência levanta, no entanto, várias questões das quais enunciarei três, de forma sucinta:

1. Constituição de *corpora*

Em primeiro lugar o estudo de frequências exige a criação de um acervo extenso de materiais estatísticos e estes, por seu turno, requerem a constituição prévia de um *corpus*, não só extenso, mas também representativo. Esta questão foi claramente sentida por Azevedo Ferreira (1987) que observava, referindo-se aos *índices de formas (alfabético e de frequência decrescente)* do *Foro Real*: “os índices acima referidos só adquirirão plenamente o seu valor quando outros textos respeitantes à mesma época forem publicados. Com um número razoável destes textos poder-se-ão fazer comparações e tirar conclusões válidas para um estudo sincrónico da língua portuguesa desta época”.

2. Definição das unidades

Em segundo lugar, este tipo de análise levanta a questão da definição formal das unidades, a fim de que a contagem se faça a partir de descrições comparáveis entre si.

Nos primeiros trabalhos sobre estatísticas lexicais, por exemplo, a variação gráfica associada à variação de composição – elementos unidos/separados em vocábulos como *sobre ditos / sobreditos, tam bem / tambem*, etc. – levantou o problema das unidades de contagem. Assim, René Pellen, citado por Azevedo Ferreira (1987), por exemplo, considerou como unidade de contagem o *vocábulo* definido como “une forme conventionnelle subsumant toutes les formes d’un verbe, d’un substantif, etc., même si cette forme n’était pas attestée dans le Poème. Toutes les formes de chaque verbe ont ainsi été regroupées sous l’infinitif, les formes d’un substantif sous la forme du masculin singulier, etc.” Azevedo Ferreira, por sua vez, (segundo Busa), considerou *forma* “toda a unidade gráfica separada das unidades vizinhas por um branco” (1987, p.450, n.33).

As unidades assim definidas são obviamente insuficientes, quando se pretender avaliar a frequência de emprego de variantes morfológicas, tal como é insuficiente, num estudo sobre a estrutura das *construções relativas*, a contagem das ocorrências de *que* ou de *o qual*. Se se quiser estudar uma unidade deste tipo – uma estrutura sintáctica ou morfológica – é necessário proceder como fez, por exemplo, Dante Lucchesi (1991) na análise da *construção relativa*, ou seja, definir formalmente a unidade que se pretende analisar.

3. Selecção de modelos de descrição

Perante a necessidade de definição formal das unidades sujeitas a contagem, levanta-se, em última instância, o problema da escolha do modelo de descrição.

Num artigo intitulado “A gramática generativa – um modelo para a linguística histórica”, Maria Francisca Xavier (1987, p. 165) sublinha a economia do mesmo para a descrição de fases anteriores de qualquer língua: “A gramática generativa [...] surge efectivamente como um modelo promissor de explicações possíveis para as diferenças sintácticas das línguas, bem como para a evolução

das línguas em geral. A evolução linguística passa a ser encarada como resultado de alterações das gramáticas nucleares em cada fase da língua”.

Já Rosa Virgínia de Mattos e Silva (1989, p.42) formula algumas reticências quanto à aplicação do modelo generativo aos discursos pretéritos, preferindo um modelo indutivo de descrição. Penso que as reticências de Rosa Virgínia se prendem, de algum modo, não com o *modus operandi* da GGT mas têm que ver, sobretudo, com a possibilidade de dispor de *corpora* suficientemente representativos. Passo a citar: “Uma vez que se trata da análise de factos do desempenho linguístico de uma sincronia do passado, entendemos que devemos partir dos dados empíricos do corpus sob análise – quer se trate de uma gramática parcial, quer se trate de uma gramática geral – para, indutivamente, chegarmos aos mecanismos linguísticos vigentes. Já que não dispomos, nessa situação, do falante nativo e de sua intuição para discernir, por exemplo, enunciados gramaticais de enunciados agramaticais, ou sobre a equivalência semântica de estruturas sintácticas distintas ou sobre a ambiguidade em suas diversas manifestações, teremos que admitir que os enunciados reproduzidos na documentação querem sempre transmitir um significado e que a estruturação do seu significado está de acordo com as regras vigentes na época. Para uma sincronia passada da língua, uma gramática mais adequada em uma primeira etapa de conhecimento sistemático do objecto em estudo será portanto uma gramática descritiva, indutiva que opere sobre inventários que se definam como representativos. A nosso ver, uma gramática que pretende estabelecer as regras de organização de enunciados de uma sincronia passada da língua deve partir da análise indutiva da documentação em causa para daí apresentar uma descrição organizada dos factos linguísticos. Esse ponto de vista afasta, portanto, o modelo ou os modelos gerativo-transformacionais que operam dedutivamente a partir de hipóteses a serem testadas pelo falante nativo que pode ser o próprio analista. Com isso não queremos dizer que não se possa e mesmo se deva trabalhar com esse modelo para analisar factos específicos da estrutura linguística em sincronias sucessivas, estabelecendo-se processos de mudança ao longo da história da língua [...] Somos de opinião que, na situação em que se encontra ainda hoje o conhecimento do português antigo, assistemático e atomizado, uma gramática descritiva [...] é uma etapa necessária”.

O trabalho hoje apresentado consiste numa descrição, com base no modelo da Gramática Generativa Transformacional (GGT), de duas categorias – *artigos definidos e demonstrativos adjuntos* – observados num *corpus* do séc. XIII e num *corpus* do séc. XV, e, relativamente às três questões acima enunciadas, situa-se do seguinte modo:

1. No que se refere ao *corpus*, a condição de representatividade não está integralmente satisfeita. Com efeito, o *corpus* do século XIII utilizado é de cerca de 80.000 palavras, todas pertencentes a textos jurídicos extraídos do *corpus* “Gramática do Português Medieval” (Xavier, Brocardo, Vicente, 1994), e o *corpus* do século XV, é de 76.000 pertencentes a um texto didáctico-moralístico traduzido do francês (Crispim, 1995). A falta de homogeneidade não afecta, porém, a percepção de alguns aspectos que podem vir a revelar-se pistas inte-

ressantes, sublinhando a importância dos géneros e origem dos textos para a compreensão do processo de propagação dos fenómenos.

2. Relativamente às unidades de contagem, as que são apresentadas, têm subjacente a definição formal de Sintagma Determinante tal como é apresentado por Abney (1987) mas, na constituição dos paradigmas, são extraídas a partir das unidades gráficas estabelecidas pelas leituras para-paleográficas dos textos informatizados. A designação das classes – *artigo definido, demonstrativos adjuntos* – segue a terminologia das gramáticas tradicionais.

3. Quanto ao modelo de descrição, embora o estudo de Rosa Virgínia nos forneça uma preciosa descrição das estruturas trecentistas e, por consequência, se constitua como um termo de comparação para outras sincronias, o modelo adoptado é o da GGT. A preferência pelo modelo da GGT é determinada pela convicção de que, de acordo com Maria Francisca Xavier, é possível iniciar descrições estruturais do português medieval mediante este modelo e que as definições formais que o mesmo estabelece possibilitam comparações das unidades, em tempos, espaços ou textos diferentes, mais objectivas, na medida em que são feitas em função de parâmetros idênticos.

Assim, as questões subjacentes à elaboração da presente análise são:

A - Que diferenças existem entre os paradigmas de diferentes sincronias relativamente aos elementos em análise, neste caso, dois conjuntos de determinantes?

B - Em que medida a GGT permite explicitar as diferenças entre construções atestadas nos textos de duzentos, num testemunho do século XV e as que a nossa competência nos fornece, para o Português europeu actual?

Podemos, em primeiro lugar, observar os quadros comparativos das formas e frequências atestadas nos dois *corpora* - *Séc. XIII, Livro das Três Virtudes (LTV)*:

1. Formas isoladas do artigo definido

Formas	Séc. XIII	LTV
<i>Masculino sing.</i>		
o	514	538
ho/hoo	9/1	5
el	12	3
no	9	14
lo	6	-
llo	7	-
Total	558	560
<i>Masculino plural</i>		
os	173	298
llos	3	-
nos	1	1
Total	177	299
<i>Feminino sing.</i>		
a	172	760
ha	7	1
la	6	-
Total	185	761
<i>Femino plural</i>		
as	130	325
las	8	-
Total	138	325
Total da categoria	1142	1945

2. Paradigmas e frequências das formas isoladas dos *demonstrativos*

ESTE

Formas	Séc. XIII	LTV
Este	73	66
estes	27	14
Esta	200	99
estas	57	42
TOTAL	357	221

AQUESTE

Formas	Séc. XIII	LTV
Aqueste	2	1
aquestes	12	1
Aquesta	8	2
aquestas	-	-
TOTAL	22	4

AQUELE

Formas	Séc. XIII	LTV
Aquelle	4	14
aquel	8	-
aquelhe	-	-
Aquelles	-	2
aqueles	6	-
aquelhes	1	-
Aquella	5	17
aquela	-	-
aquelha	1	-
aquelia	-	-
Aquellas	1	7
aquelas	6	-
aquelias	2	-
aquelhas	-	-
TOTAL	34	40

ESSE

Formas	Séc. XIII	LTV
Esse/ese	178/10-> 188	1
esses/eses	38/1-> 30	1
Essa/esa	42/7-> 49	2
essas/esas	26/2-> 28	1
TOTAL	182	5

TAL

Formas	Séc. XIII	LTV
Tal	56	162
atal	6	-
átal	4	-
Taaes	-	73
Taes	1	-
TOTAL	67	235

A escolha das duas categorias tratadas nesta análise obedeceu a critérios de carácter etimológico e funcional. Com efeito, como observa Ángel López García na sua comunicação ao XVIII Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas (1986) a propósito do artigo definido, trata-se de uma criação funcional das línguas românicas, a partir de uma categoria diferente na língua de origem. Possuindo os dados quantificados para o *corpus* do séc. XV e conhecendo as diferenças de paradigma, pareceu-me interessante observar o que se passaria com a distribuição e a frequência das formas mais antigas. Assim, na impossibilidade de analisar todas as formas adnominais, escolhi o artigo definido, categoria derivada, e os demonstrativos, incluindo as formas cognatas, formulando a hipótese de que a expansão da nova categoria deveria manifestar-se por uma diferença de frequência.

Uma rápida análise dos quadros apresentados mostra-nos que:

- (i) Globalmente, a frequência das formas que desapareceram do português moderno é menor no séc. XV do que no séc. XIII, tanto nos paradigmas do artigo como dos demonstrativos, se exceptuarmos o caso de *esse*;
- (ii) No que se refere à frequência de emprego do artigo definido regista-se efectivamente um ligeiro aumento no séc. XV mas a diferença não é significativa (803);

(iii) No caso da forma *el*, além da diminuição de frequência, verificamos uma especialização, pois, no séc. XV, as ocorrências de *el* verificam-se exclusivamente no contexto /_rei/, enquanto no séc. XIII temos, além de *rey*, os vocábulos *cõde*, *primeyro* e *aparelhado*;

(iv) As diferenças verificam-se sobretudo nas formas do feminino, o que não é de estranhar sabendo que LTV trata da educação das mulheres – as diferenças poderão, neste caso, relacionar-se com o tema dos textos que constituem os *corpora*;

(v) Dentro dos demonstrativos, verifica-se um fenómeno curioso no emprego das formas de ESSE em LTV. Não só é extremamente reduzido o emprego deste demonstrativo como não ocorre relacionado com a segunda pessoa mas, de certo modo, sempre negativamente conotado ou conotado com grande afastamento no tempo.

O masculino singular figura em «tu foste mançeba nenbre-te bem qual cousa tu fazias em *esse* tempo» onde a expressão “em esse tempo” refere o tempo em que a anciã era jovem e fazia o mesmo que agora censura à juventude. Neste caso, parece assumir um valor de deíctico temporal. O plural ocorre em «O iij^o dardo he que sse tu es uelho e nom as nenhũs amigos que te da a ty E *esses* amigos que te fariom elles por çerto tua velhiçe. nom ta poderiom tirar nem elles nom te acreçentariom nada em teu mereçimento” e a expressão «esses amigos» são os amigos que não existem mas que, se existissem, seriam inúteis. O feminino reforçado, *essa meesma*, ocorre duas vezes. Na primeira, retoma em “per essa meesma guisa” a ideia de que a Senhora deverá ter “em amor” o povo, como os “barões” para que “de melhor coraçom pellejem”; na segunda, “essa meesma sentença” é uma longínqua sentença de Santo Ambrósio que São Bernardo repete, sem qualquer relação com 2^a pessoa:

– «pellejem por elle se mester for e mantenha a guerra E per *essa meesma* guisa ao pouoo affim que de milhor uomtade o ajude»
 \– «pollo que rrepito santo ambrosio quando elle diz que de criatura umana faz anjo E *essa meesma* sentença acorda sam bernardo».

A forma feminina do plural é a única que se refere à 2^a pes., mantendo a conotação negativa – «E uos rrogo tanto como eu posso. que nom façaes mais contra mim taaes mostramentos. nem digaaes *essas* pallauras» – sendo “*essas pallauras*”, são as que não devem ser ditas. Neste texto, alguns dos valores que o demonstrativo *esse* apresenta no cronolecto contemporâneo são veiculados pela forma *tal*, pelo que foi feito também o levantamento desta forma no *corpus* do séc. XIII.

Os quadros apresentados mostram-nos que o demonstrativo *esse* tem um número de ocorrências superior a *tal* e, esta forma, um número de ocorrências muito inferior à que se verifica em LTV. Mais uma vez, como em (iv), a diferença tipológica dos textos e o facto de LTV ser uma tradução do francês nos impedem de tirar conclusões. Mas, mais uma vez, a metodologia seguida permite concretizar as situações e clarificar a formulação das hipóteses.

Antes de concluir e fora da análise dos *artigos definidos* e dos *demonstrativos*, gostaria ainda de referir a análise de algumas ocorrências das chamadas Estruturas Partitivas ou Construções Partitivas, em LTV, cujo estudo tem sido con-

siderado pouco claro e assistemático (Marques, 1992; Milner, 1978), principalmente porque têm sido designadas por estas expressões realidades linguísticas semanticamente diferentes. Definindo estas estruturas como “estruturas que denotam operações de *extracção* de partes de conjuntos”, encontramos atestadas em LTV, algumas estruturas deste tipo em que os elementos (os indefinidos e os chamados artigos partitivos) funcionam como determinantes formais, ocupando a posição pré-nominal, e outros em que, entre o elemento considerado determinante (sempre quantificador por natureza) e o nome, ocorre a preposição *de*. A análise das “estruturas partitivas” feita em relação ao *corpus* do séc. XV revelou-se bastante interessante pelo que, embora não tenha sido feita a busca destas estruturas no *corpus* do séc. XIII (apenas procurei *assaz de* e *muyto de* que não ocorrem) passo a apresentá-la. Esta análise partiu da proposta de Abney (1987) em que este autor considera possível distinguir estruturas “partitivas” de estruturas “pseudo-partitivas”:

- nas primeiras – Partitivo = $[_{SD1} D[_{SN} N[_{SP} P[_{SD2} D[_{SN}]]]]$ – correspondente ao exemplo “dozens of the men”, o quantificador seleccionaria um SP contendo um SD;

- nas segundas – Pseudo-partitivo = $[_{SD1} D[_{SN} N[_{SP} P[_{SN} N]]]$ – correspondendo a “dozens of men”, o quantificador seleccionaria um SP contendo um SN e não um SD.

Tentando aplicar estas estruturas a certas sequências de LTV, verifiquei que ambas correspondiam a sequências realizadas no *corpus*. No entanto, constatei também que, no mesmo *corpus*, existiam três – não apenas dois – tipos de construções que poderíamos classificar como Partitivas:

Grupo I

- (1) «E teerá *do linho* comprado de bom mercado»
- (2) «tu queres ajuntar *da suor* e trabalho doutros»
- (3) «guardaria *dos* entreevados»
- (4) «e [guardaria] *dos* doentes»
- (5) «digam *dos* pater noster»
- (6) «dira das estorias»

Grupo II

- (7) «faria *mais de* bem hũu dinheiro que çento rreçebidos em pecado»
- (8) «podees acalçar mais nobre possissom e *mais de* rriquezas que çem mil mundos nom poderiom comprender»
- (9) «com muyto fallar lhe he *assaz d'*enpacho»
- (10) «Nem he corte de príncepe onde nõ aja *assaz de* maldizentes»
- (11) «em *pouca d'ora* esqueçeste o conhecimento»

Grupo III

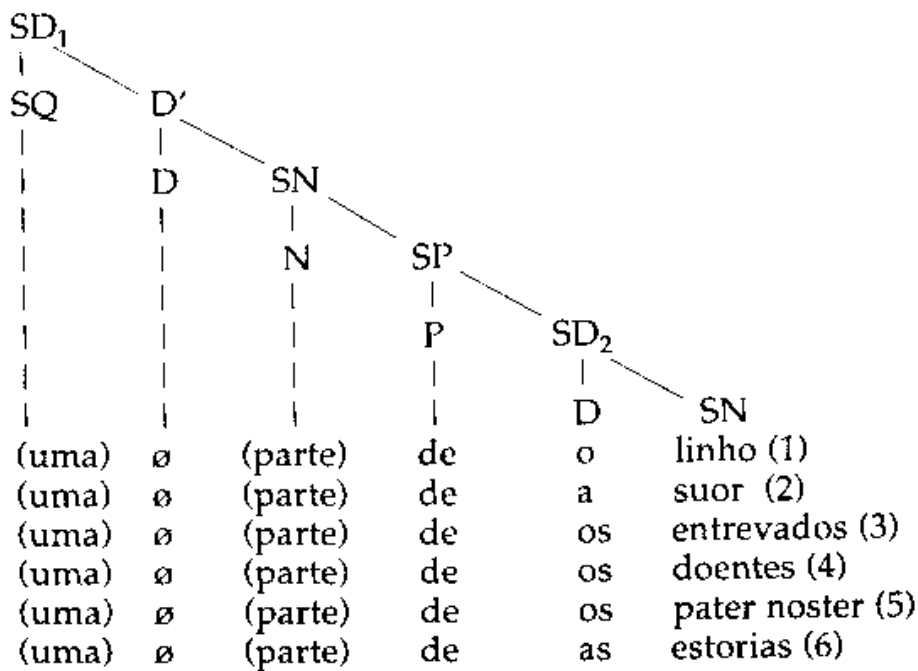
- (12) «vos achaaes comunalmente dureza *pouco de* uallor e de piedade em toda perssoa»
- (13) «mostra *mais de* sseus segredos»
- (14) «*nenhũu* destes caminhos se deue teer»
- (15) «*nenhũua* de ssuas molheres »
- (16) «as *mais das* uezes»

- (17) «os *mais* dos dias»
 (18) «Serimonyas que fazem *muytas daquellas* molheres»
 (19) «Esta he ja mais omrrada em *hüü pouco* de tempo que a seruyo que eu»
 (20) «*hüü pouco* [de] esterco»

Procurando determinar se as duas estruturas propostas por Abney permitiam distinguir estes três tipos de construções presentes no texto, verifiquei que isso era possível se fosse abandonada a classificação binária em “partitivos” e “pseudo-partitivos” e fosse tomada em consideração, na análise, o preenchimento ou não das posições Espec de D’ e Espec de N’.

O Grupo 1 corresponde às construções de Artigo Partitivo, representáveis pela estrutura A (adaptada de Abney) em que: o quantificador não realizado seria “uma”, o N de SD₁ seria preenchido por “parte”, não foneticamente realizado, e a posição D de SD₂ estaria realizada:

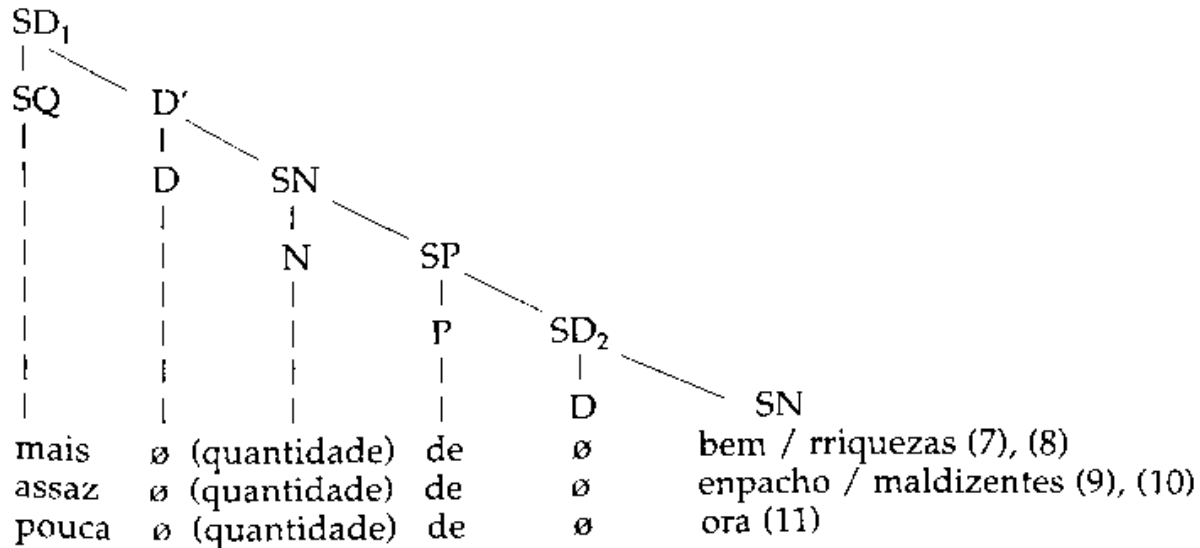
Estrutura A - [_{SD₁} QT [_{D’} D [_{SN} N [_{SP} P [_{SD₂} D [_{SN} N SP]]]]]]]



A interpretação de (1) a (6), em ordem directa, seria:

- (1) E teerá comprado _{SD₁}(*uma parte*) d _{SD₂}*o linho* de bom mercado
 (2) tu queres ajuntar _{SD₁}(*uma parte*) d _{SD₂}*a suor* e trabalho doutros
 (3) guardaria _{SD₁}(*uma parte*) d _{SD₂}*os entrevados*
 (4) e [guardaria] _{SD₁}(*uma parte*) d _{SD₂}*os doentes*
 (5) digam _{SD₁}(*uma parte*) d _{SD₂}*os pater noster*
 (6) dirá _{SD₁}(*uma parte*) d _{SD₂}*estoreas*

O Grupo II parece ser também uma construção de tipo partitivo, representável pelo mesmo diagrama mas em que: os quantificadores de SD_1 estão realizados; nenhum dos Ds o está; na posição N de SD_1 prevê-se a não realização de "quantidade" em vez de "parte", como no Grupo I, talvez por razões de carácter semântico que tenham a ver com os traços dos Ns.



A interpretação de (7) e das restantes sequências do Grupo II, obedecendo à mesma estrutura, apresenta-se, pois, ligeiramente diferente e seria a seguinte:

- (7) faria SD_1 mais (quantidade) de SD_2 bem ...
 (8) acalçar ... SD_1 mais (quantidade) de SD_2 riquezas ...
 (9) lhe he SD_1 assaz (quantidade) d' SD_2 enpacho ...
 (10) não aja SD_1 assaz (quantidade) de SD_2 maldizentes ...
 (11) em SD_1 pouca (quantidade) d' SD_2 ora ...

Estas diferenças de interpretação poderão resultar, como disse, da presença de diferentes traços semânticos dos Ns mas podemos também registar as seguintes diferenças de carácter estrutural:

- no Grupo I assume-se que só o nó D de SD_1 se encontra vazio e que o quantificador se encontra em Espec de D';
- no Grupo II, assume-se que o quantificador ocupa a mesma posição, mas todos os nós D estão vazios.

Esta diferença estrutural poderá ser interpretada como correspondendo a um processo diferente de quantificação das "partes" extraídas.

Assim, no primeiro grupo (Grupo I), teríamos uma *quantificação indefinida* aplicada a uma parte mensurável e/ou contável, extraída de um conjunto que se apresenta *definidamente determinado* (D=art. def.).

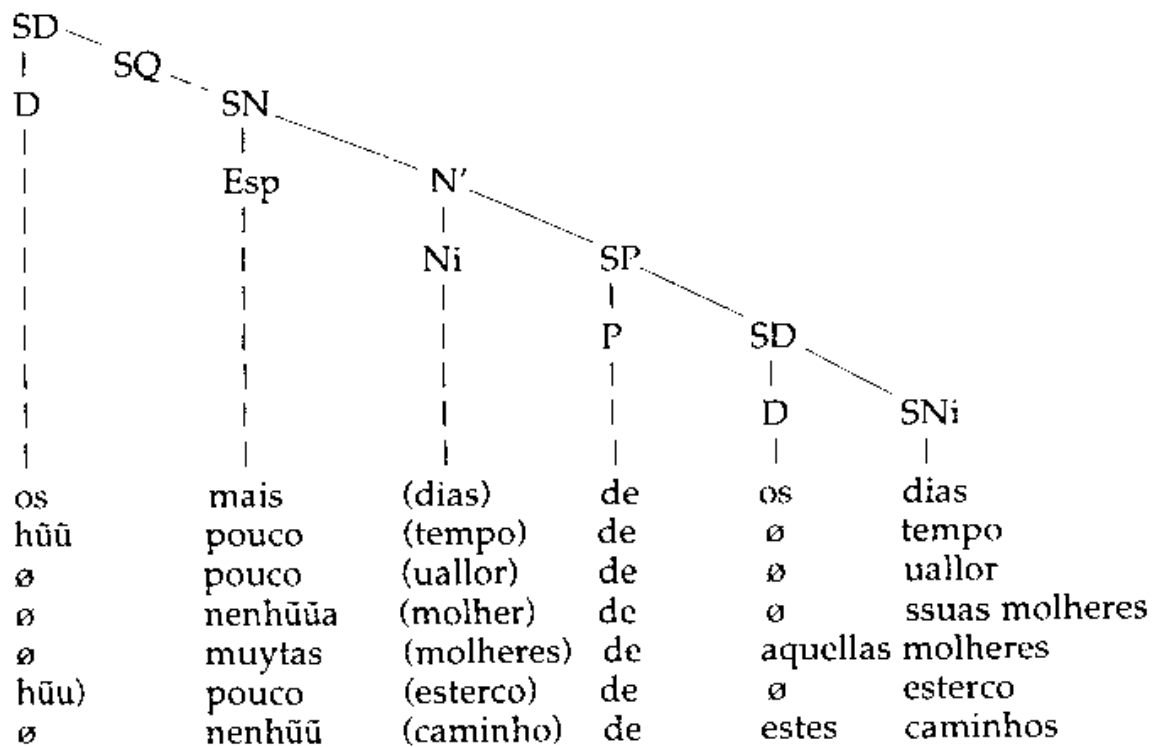
No segundo grupo (Grupo II), teríamos uma *quantificação indeterminada* de uma parte não mensurável nem contável de um conjunto *não determinado* (D=0), isto é, de um conjunto apenas *intensionalmente definido* ou *conjunto-potência*.

O Grupo III corresponderia às construções pseudo-partitivas e seria representável pela estrutura B, igualmente adaptada de Abney:

Estrutura B - [_{SD1} D [_{SN} Espec [_{N'}N_i [_{SP} P [_{SD2} D [S_{n_i}]]]]]]

Nesta estrutura, teríamos:

- por um lado, o quantificador a ocupar uma posição entre SD e SN' (e não a de Espec de D', como na estrutura A), podendo os nós D estar ou não vazios;
- por outro lado, o N_i vazio teria a mesma interpretação do N₂ realizado foneticamente. A representação em diagrama seria:



A leitura proposta neste caso seria:

- (11) *pouco (uallor) de uallor*
- (12) *mais (segredos) de sseus segredos*
- (13) *nenhũũ (caminho) destes caminhos*
- (14) *nenhũũa (molher) de ssuas molheres*
- (15) *as mais (uezes) das uezes*
- (16) *os mais (dias) dos dias*
- (17) *muytas (molheres) daquellas molheres*
- (18) *hũũ pouco (tempo) de tempo*
- (19) *hũũ pouco (esterco) de esterco*

Nos dois primeiros grupos de sequências (Grupo I e Grupo II), como vimos, podemos supor a existência de uma operação de "extração de partes quan-

tificáveis" (embora o processo e o tipo de quantificação pareçam diferentes) de um *conjunto-potência* (ou conjunto *intensionalmente definido*). Estariamos, portanto, perante uma estrutura contendo dois Ns hierarquizados (N_1 =parte e N_2 =x).

Neste terceiro grupo (Grupo III), teríamos a extracção, não de *partes* desses conjuntos apenas *intensionalmente definidos*, mas sim a extracção de um *subconjunto quantificado* que pertenceria a um *conjunto extensionalmente definido*.

Neste caso, teríamos pois, uma estrutura de encaixe em que os Ns se encontram ligados por uma co-referência obrigatória e em que o N mais alto não é lexicalmente realizado.

Sabemos que as construções do Grupo I foram efémeras em português e deixaram de ocorrer nas variedades do Português actual. Algumas construções do Grupo II – *mais de, assaz de* – mantêm-se como expressões marcadas de carácter popular e/ou arcaizante. Algumas construções do Grupo III estão vivas – *nenhum de, muito de, pouco de*.

No *corpus* do séc. XIII analisado, como já disse, não ocorrem *assaz de* nem *muito de*. Podemos perguntar: quando surgiram estas estruturas? Dado que a língua medieval tem maior número de redundâncias do que a linguagem moderna, poderemos esperar vir a encontrar contextos que nos elucidem sobre os elementos elididos nas estruturas de superfície encontradas no séc. XV?

Só as análises de *corpora* extensos, mediante parâmetros idênticos, poderão eventualmente, creio, responder as estas questões e fornecer-nos alguma ideia do percurso de formas linguísticas actuais e desaparecidas.

BIBLIOGRAFIA

- Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1991.
- ABNEY, S. (1987), *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. MIT, Cambridge, Massachusetts.
- BRITO, Ana Maria (1993) - "Aspects de la Syntaxe du SN en Portugais et en Français", *Linguas e Literaturas, Revista da Faculdade de Letras do Porto*. II Série, vol. X. Porto, pp.25-53.
- 1994 - Art 426. Portugiesisch: Morphosyntax, "Morpho-syntaxe", *Lexicon der Romanistischen Linguistik (LRL)*. Max Niemeyer Verlag, Tübingen.
- CORREIA, Clara Nunes (1993) - "A determinação: quantificação e qualificação", *Actas do 8º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa.
- 1994 - "O valor do artigo Ø em português", *Actas do 9º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra.
- 1994 - "Determinação nominal e diátese", *Actas do 10º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Évora.
- CRISPIM, Maria de Lourdes (1995), *Christine de Pizan. O Livro das Tres Vertudes ou O Espelho de Cristina* (tese de doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1992), *Aspectos da Genericidade - Cadernos de Semântica 6*. Projecto JNICT - PCSH/ C / LIN / 212 / 91, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LOPES, Óscar (1971/1972) - *Gramática Simbólica do Português*. Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica, Lisboa.
- 1980 - "Relações Semânticas entre Massivos, Partitivos, Colectivos e Abstractos, em Português", *Actes du XVI Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Palma de Maiorca, (no prelo).

- 1983 - "Algumas peculiaridades do Português e especialmente Europeu que importam à semântica linguística universal", *Actas do Congresso sobre a Língua Portuguesa no Mundo*. ICALP, Lisboa.
- LUCCHESI, Dante (1991), "Considerações sobre a Análise das Relativas no Português Contemporâneo e Algumas Incursões na História dessas Estruturas", *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística - Porto 1990*. Porto, pp. 175-193.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989), *Estruturas Trecentistas Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.
- MILNER, Jean-Claude (1978), *De la Syntaxe à l'Interpretation. Quantités, Insultes, Exclamations*. Editions du Seuil, Paris.
- PERES, João Andrade (1992) - *Questões de Semântica Nominal - Cadernos de Semântica*, 1. Projecto JNICT - PCSH/ C / LIN / 212 / 91, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- 1992 - *Issues on Distributive and Collective Readings - Cadernos de Semântica*, 4. Projecto JNICT - PCSH/ C / LIN / 212 / 91, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- XAVIER, Maria Francisca (1987), "A Gramática Generativa. Um Modelo para a Língua Histórica", *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Irene Albuquerque*. Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras de Lisboa.
- XAVIER, M.F., BROCARD, M.T. e VICENTE, G. (1994), "Um corpus de português medieval", *Actas do 10º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Évora